

ARTE

UNESP

V. 13

1997

Álvaro Carlini
Edson Sekeff Zampronha
Fernando J. Carvalhaes Duarte
Flávio Mário de Alcântara Calazans
Flo Menezes
Isabel Cristina Nóbrega
Márcio Leonel Farias Reis Páscoa
Marta Link
Mirian Celeste Ferreira Dias Martins
Reynuncio Napoleão de Lima
Valerie Albright
Vicente Salles
Víctor Rondón
Viviana Mónica Vermes
Zylpha Carvalho

Correspondência e artigos para publicação deverão ser encaminhados a:
Correspondence and articles for publication should be addressed to:

ARTEunesp

Instituto de Artes

Rua Dom Luis Lazagna, 400 - Ipiranga

04266-030 São Paulo - SP - Brasil

Tel. (011) 274-4733 Fax (011) 215-1371

Comissão Editorial

João J. Espinelli

José Leonardo do Nascimento

Maria de Lourdes Sekeff Zampronha,

Maria Helena Maestre Gios

Paulo Castagna

Diretor da Revista

Alberto T. Ikeda

Assessoria Técnica

Ana Paula R. de Oliveira (Bibliotecária)

Martha Herr (Língua Inglesa)

Valerie Ann Albright (Língua Inglesa)

Conselho Consultivo

Claudete Ribeiro

Dirce T. Ceribeli

Edson S. Zampronha

Flo Menezes

Ilsa K. L. Ferreira

Milton T. Sogabe

Percival Tirapeli

Vitor G. de Araújo

Secretária

Marcia H. Tanaka

Capa

Milton T. Sogabe

Publicação anual/Annual publication

Solicita-se permuta/Exchange desired

ARTEunesp (Fundação para o Desenvolvimento da UNESP).

São Paulo, SP - Brasil, 1985.

1985-1996, 12

1997, 13

ISSN 0102-6550

ARTEES

Os artigos publicados na ARTEunesp são indexados por:

The articles published in ARTEunesp are indexed by:

Art Bibliographies Modern; Clase Cich - UNAM; HAPI: Hispanic American Periodicals Index.

APRESENTAÇÃO

A pretensão inicial para o presente volume foi a de publicar trabalhos em torno do tema "Arte brasileira no século XX", prossequindo na iniciativa tomada anteriormente, junto ao Conselho Editorial, de a cada número da revista eleger um tema central relevante sobre as artes. Tal perspectiva, que pretendemos manter, poderá enriquecer muito as reflexões na área, através das visões de estudiosos de especialidades diferentes sobre um mesmo núcleo temático. Entretanto, apesar da significativa correspondência-convite enviada a pesquisadores, individualmente, e a diversas universidades, não obtivemos retorno. Quais teriam sido os motivos? Afinal, a arte brasileira deste século tem ou não despertado interesse entre os estudiosos brasileiros? É evidente que sim, mas os motivos do não envio de trabalhos podem ser muitos, não cabendo aqui enumerá-los.

O presente volume está composto de sete artigos sobre música, enfocando a *composição* e a *linguagem musical*, a *musicologia histórica* e o *folclore musical brasileiro*. Além destes, temos outros cinco, sobre *filosofia e arte*, *patrimônio histórico e artístico brasileiro*, *arte e mediação*, e *teatro popular brasileiro*, mais especificamente o *bumba-meu-boi*.

Entre os autores, temos docentes do Instituto de Artes - UNESP, a colaboração do pesquisador e músico Víctor Rondon, do Chile, destacando-se também a contribuição de um dos decanos e mais fecundos estudiosos da música e da cultura brasileira, o pesquisador paraense Vicente Salles. Temos a satisfação de publicar dois trabalhos resultantes de dissertações desenvolvidas em nossa pós-graduação, dos ex-alunos Márcio Pascoa e Isabel Cristina Nóbrega. Por fim, agradecemos pelo trabalho criativo de Milton T. Sogabe na elaboração da nova capa da *ARTEunesp*.

Alberto Ikeda
Diretor da Revista

SUMÁRIO/CONTENTS

ARTIGOS/ARTICLES

TEMAS DE MÚSICA/MUSIC SUBJECTS

- O papel e as limitações das escrituras
Paper and the limitations of writings
Flo Menezes 13

- Linguagem: propriedade emergente do material
Language: emergent property of material
Edson Sekeff Zampronha 31

- Sons, número e poesia: o moteto medieval
Sounds, number and poetry: the medieval motet
Fernando José Carvalhaes Duarte 55

- A tapuia, um caso de irradiação cultural
Tapuia: an example of cultural dispersion
Vicente Salles 81

- A música há cem anos, no Teatro Amazonas
One hundred years of music in the Teatro Amazonas
Márcio Leonel Farias Reis Páscoa 105

- Apóstolos de J. S. Bach em São Paulo
J. S. Bach's apostles in São Paulo
Álvaro Carlini 119

- Música e doutrina no *Símbolo católico indiano* (Lima, 1598), de Luis Gerónimo de Oré (1554-1629)
Music and doctrine in the *Indian Catholic Symbol* (Lima, 1598), of Luis Gerónimo de Oré (1554-1629)
Victor Rondón 133

TEMAS GERAIS/GENERAL SUBJECTS

- O tempo: a questão da "duração real" e a visão da arte em Bergson
Time: the questionary "real duration" and the vision of art in Bergson
Zylpha Carvalho 163
- Jair Afonso Inácio: um pioneiro na preservação do patrimônio artístico brasileiro
Jair Afonso Inácio: a pioneer in the preservation of Brazilian artistic property
Isabel Cristina Nóbrega 179
- Da midiologia da arte à realidade virtual
From the mediology of art to virtual reality
Flávio Mário de Alcântara Calazans 201
- "Globalizaram" o bumba-meu-boi
The globalized "bumba-meu-boi"
Reynuncio Napoleão de Lima 211
- Mediação: tecendo encontros sensíveis com a arte
Mediation: Weaving sensitive encounters with art
Mirian Celeste Ferreira Dias Martins 221

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES/
SUMMARY OF MASTER AND Ph. D. THESIS

- Corantes vegetais jenipapo, urucu e pau-brasil: estudo e uso
Marta Link 237

- As contribuições de *A Temporary Mimeographed Catalogue of the Music Manuscripts and Related Materials of Charles Edward Ives 1874-1954 e Memos à nova era de pesquisa sobre Charles Ives*
Valerie Albright 239
- Alberto Nepomuceno e a criação de uma música brasileira: evidências em sua música para piano
Viviana Mônica Vermes 240
- ÍNDICE DE ASSUNTOS 243
- SUBJECT INDEX 245
- ÍNDICE DE AUTORES/AUTHORS INDEX 247
- ÍNDICE DE TESES E DISSERTAÇÕES/
Ph.D AND MASTER THESIS INDEX 249

Referências bibliográficas

- ANDRADE, M. de. Danças dramáticas do Brasil. In: _____. *Obras Completas*. São Paulo: Martins, 1959. t.1.
- BELTRÃO, L. *Comunicação e folclore: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BORBA FILHO, H. *Espetáculos populares do Nordeste*. São Paulo: Coleção Burity, DESA, 1966.
- CARDOSO, J. *O coronel de Macambira*. Rio de Janeiro: Tecnoprint Graf. S. A., s.d.
- CASCUDO, L. C. *Literatura oral*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.
- _____. *Folclore do Brasil (Pesquisas e notas)*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.
- GOMES, A. *A invasão. A revolução dos beatos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- QUEIRÓZ, M. I. P. de. *Comunicação e cultura popular*. 2.ed. São Paulo: ECA-USP, 1972.

Bibliografia consultada

- ALMEIDA, R. *Tablado folclórico*. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1951.
- ARAÚJO, A. M. *Folclore nacional. Festas, bailados, mitos e lendas*. São Paulo: Melhoramentos, 1954. v.1.
- ARAÚJO, A. M. et al. *Cordel e comunicação*. São Paulo: Comunicações e Artes, 1971.
- BARROS, S. *Arte, folclore, subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Paralelo e Inst. Nac. do Livro (MEC), 1971.
- BASTIDE, R. *Sociologia do folclore brasileiro*. São Paulo: ECA/USP, 1971.
- BENJAMIN, R. C. Os folhetos populares e os meios de comunicação social. In: *Cordel e comunicação (São Paulo)*, v.4, 1971.
- CASCUDO, L. C. *Antologia do folclore brasileiro*. 2.ed. São Paulo: Martins, 1954a.
- _____. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Inst. Nac. do Livro, 1954b.
- COSTA, D. da. *O bumba-meu-boi*. Rio de Janeiro: MEC, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1973. (Cadernos de Folclore 16).
- FACÓ, R. *Cangaceiros e fanáticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- GAMA, L. O bumba-meu-boi no Recife (1840). In: CASCUDO, L. C. *Antologia do folclore brasileiro*. 2.ed. São Paulo: Martins, 1954.

MEDIAÇÃO: TECENDO ENCONTROS SENSÍVEIS COM A ARTE

Mirian Celeste Ferreira Dias MARTINS¹

- RESUMO: Partindo de memórias significativas em relação ao seu primeiro encontro com a arte, os alunos da disciplina Arte – Projetos Educacionais, por mim ministrada, verificaram os diferentes mediadores que os provocaram. Os textos assim gerados contribuíram para uma aprofundada discussão em sala de aula, onde nasceu a idéia de somá-los, como uma introdução ao tema. Compartilhar perspectivas, conceituar, ampliar aspectos são os fios que teceram este texto, que traz a marca de cada co-autor, no sentido de investigar o papel e a potencialidade do processo de mediação entre arte e fruidor.
- PALAVRAS-CHAVE: Arte; ensino de arte; apreciação; interpretação; mediação.

Não saberia dizer se foi massa, lápis, caneta, tinta. Não saberia dizer se foi parede ou papel. Lembro-me dos livros. Rabiscos entre as fórmulas dos livros de engenharia; bichos nos de biologia; o livro de xadrez com cópias das torres e cavalos e os romances com desenhos nas contracapas e entre seus capítulos. As paredes com desenhos a meia altura. E os gibis que ensinavam a desenhar a Mônica e o Mickey.

Tudo isso são lembranças vagas, que na nossa pré-adolescência esforçamo-nos em esquecer.

Mas uma coisa eu nunca esqueci. Lembrança forte que rebusquei e antes nunca havia me conscientizado.

¹ Departamento de Expressão e Comunicação – Instituto de Artes – 04266-030 – São Paulo – SP.

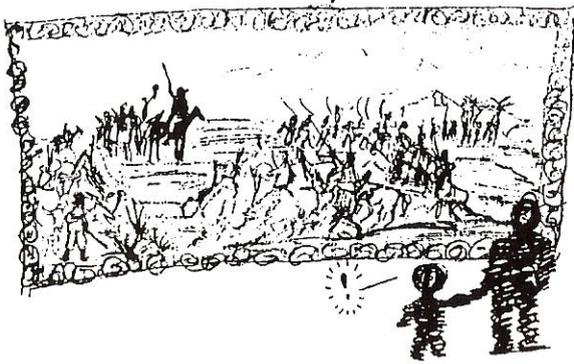


FIGURA 1 – *O grito da Independência*, de Pedro Américo. O primeiro quadro que vi com meus próprios olhos.
ENORME!
Aquele era o quadro que cabia no meu livro de Estudos Sociais?!
Guilherme Nakashato

Fios laçados no tempo

Brincando com as letras e imagens, os desenhos de Guilherme refletiam seu imaginário, também instigado pelo mundo que lhe era desvelado pelos livros da escola. Nessas lembranças afetivas surge também o artista Pedro Américo e sua imensa obra, que, na companhia de seu pai, Guilherme descobre numa visita ao Museu do Ipiranga. A pergunta guardada pelo tempo é reatualizada vivamente: Aquele era o imenso quadro que cabia em seu livro de Estudos Sociais?.

É outra a história de Telma Cavalieri Victorio. Em texto visual, ela apresenta em negro sua trajetória. Retoma fotografias de sua infância e pergunta: "Meu primeiro contato com a arte existiu? Quando?".

As histórias de Guilherme e Telma, entre outras, falam de encontros com a arte marcados pelo sabor doce ou amargo, pela traquinagem divertida ou pela percepção dolorida de valores incompreendidos, pelos passeios, viagens ou encontros com pessoas fantásticas.

Na bagagem de nossas memórias, nas imagens mentais desfocadas pelo tempo, nas sensações trazidas à tona, resgatamos os primeiros encontros com a arte.

Foi esse o início proposto para aprofundar a compreensão do processo de mediação entre arte e fruidor, um dos conteúdos centrais da

disciplina Arte – Projetos Educacionais, oferecida aos alunos de licenciatura em Educação Artística/habilitação Artes Plásticas, e como disciplina optativa para o curso de bacharelado em Artes Plásticas, no Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo.

As histórias singulares sobre o primeiro encontro com a arte geraram sensíveis textos sobre o processo de mediação, tecidos pelos fios da memória carregados de significados.

Desses fios nasce este ensaio, construído a partir dos textos dos alunos que, em aula, ampliaram perspectivas para compreender esse processo; na tentativa de uma costura tecida que fundamente e amplie a potencialidade da mediação como encontro sensível e instigante, tarefa consciente de quem faz da arte seu ofício de educador.

Trama compartilhada na rede do conceito

A proposta de se recordar e descrever o nosso primeiro contato com a arte resultou em um apanhado de experiências, às vezes distintas, às vezes comuns entre nós.

A narração dessas experiências nos levou a esboçar e ilustrar os elementos ligados direta ou indiretamente à relação de contato inicial com a arte ou com suas manifestações, sejam elas em quaisquer dimensões. Em determinada visão, este contato fica de tal forma diluído entre as diversas fontes de informação a que está sujeita uma criança, que nos impede de registrar uma determinada particularidade ou um determinado fato localizado no tempo e no espaço.

Várias foram as sugestões destes contatos que nos fizeram elaborar e distinguir alguns dos vários "elementos mediadores" da arte e reconhecê-los por sua vez em seu processo de desenvolvimento a que chamamos "mediação". (Elcio Antonio de Queiroz)

Muitas marcas são deixadas por pais, tios, avós, irmãos mais velhos, amigos, professores, artistas... nos nossos primeiros contatos com a arte. Outras marcas são também deixadas por livros, personagens de TV, filmes, peças infantis, concertos, pelas obras que vão fazendo parte de nosso acervo de imagens, pelas visitas aos museus, por alguns momentos especiais. Todos, de modo favorável ou não, nos ajudam a construir nossas primeiras impressões do mundo da arte, alimentando e ampliando nossa própria cultura.

O macarrão italiano é o mais famoso do mundo. Entretanto, ele foi inventado pelos chineses. O aventureiro Marco Polo, ao viajar pelo Oriente, o trouxe da China para a Itália, bem como sua receita. Através dos italianos que vieram para o Brasil, criamos o hábito de comê-lo. Concluímos que Marco Polo foi o "mediador" entre nós – ocidentais – e o macarrão, que é de origem oriental. (*Eros Secchi*)

As culturas diversas que foram metabolizadas por nossa própria cultura nem sempre são percebidas. Nem sempre nos damos conta de mediadores que provocaram intervenções gerando novos hábitos, conceitos, procedimentos. O aluno Eros nos traz Marco Polo, buscando mais informações sobre esses conceitos.

O termo "mediação", segundo o dicionário, significa o ato ou efeito de mediar. É uma intervenção, um intermédio. Juridicamente o termo é empregado para processos pacíficos de acerto de conflitos internacionais nos quais a ação é sugerida e não imposta. Envolve assim dois pólos que dialogam através de um terceiro, um mediador, um mediador, o que ou aquele que executa os desígnos de intermediário. Esses desígnos estão em nosso foco, na mediação entre a produção artística e o fruidor, buscando a fruição-ação ou efeito de fruir: gozo, posse, usufruto.

Basta recordarmos o passado, nossos primeiros encontros com a arte, para se perceber quanto poder se encerra na figura do mediador. Na prática ele pode conduzir a reflexões ou ditar respostas prontas, sugerir a amplitude infinita do universo artístico ou ditar conceitos, valores, e até mesmo gostos. (*Rita Demarchi*)

O mediador, assim, pode ser uma pessoa, ou algo que ofereça a oportunidade de um diálogo, mesmo que de forma mais solitária, como um livro, um catálogo, um programa de TV, revistas, jornais ou um exercício de leitura de uma obra... que pode promover uma ruidosa conversa interna.

O tecer da mediação

É importante ressaltarmos a qualidade da mediação que se usa para um dado objetivo. Muitas vezes, em vez de facilitar e ampliar a imagem, ela

poderá distorcer e destruí-la. A meu ver, toda mediação é um meio de comunicação, pois sempre há uma passagem de informação. (*Laima Leyton*)

A comunicação como fenômeno existente e natural de nosso universo é composta de vários elementos: o transmissor, o receptor, a linguagem, a mensagem em si, o código, o referente e o canal. Neste último destaca-se o papel da mediação, que se manifesta das mais variadas formas dentro do contexto histórico-social do homem. É o que toca o ser humano em seu interior, exprimindo sua reação de uma forma muito subjetiva, portanto, muitas vezes variando conforme cada pessoa.

O papel da mediação é uma constante dentro de nossa vida, de todas as pessoas; pois é o elo de comunicação do mundo com o mundo. E é essa constante interação que nos faz crescer humanamente em todos os sentidos.

É essencialmente importante não apenas estarmos de um lado da ponte. Não devemos nos acomodar à passividade: temos a obrigação de ser mediadores, ou pelo menos facilitadores deste último. Especialmente nós, futuros professores de Arte, temos o dever de garimpar e lapidar a sensibilidade artística, não somente dos alunos, como de todos aqueles com quem convivemos. Isso faz parte do acesso à arte que sempre reivindicamos. (*Guilherme Nakashato*)

Garimpar, lapidar, facilitar, ampliar... Como canal entre a obra e o fruidor, a mediação pode provocar "o interesse e o prazer pelas manifestações artísticas e não o seu distanciamento causado por uma possível experiência traumática", como diz Telma C. Victorio.

Essa perspectiva pode parecer dramática demais, mas, infelizmente, levantamos histórias comuns que apenas reiteram uma visão de arte mais simplista ou apenas vinculada a preceitos acadêmicos. Preceitos que estão presentes em nossa cultura, fruto ainda da Missão Francesa, trazida por D. João VI para ensinar aos povos da terra colonizada o que de melhor se fazia nas academias. Vem daí a intenção e a expectativa de cópia fiel da realidade, que leva o leigo a exclamar diante de uma obra contemporânea: "Isto até eu faço!".

A mediação, como facilitadora do encontro entre arte e fruidor, precisa ser pensada como uma ação específica. Percebê-la como canal de comunicação permite estudar seu processo, atentando para os ruídos perturbadores, como de ênfases desnecessárias ou da exclusão de aspectos que poderiam tornar o encontro mais significativo.

Na tessitura de sua construção não se pode esquecer que mediar implica o sujeito-fruidor como um todo. Isso significa que não se pode

provocar apenas a sua face cognitiva, conscientizando-o de todas as nuances presentes na obra ou em sua relação com ela; mas, acima de tudo, é preciso promover um contato que deixe canais abertos para os sentidos e os sentimentos despertados, para a imaginação e a percepção, pois a linguagem da arte também fala por sua própria língua e é por ela mesma que a lemos. Talvez seja esse o espaço do silêncio externo com falas internas nem sempre traduzíveis.

A obra como tecelã de diálogos

Uma obra pode nos atrair, nos repelir, mas sempre nos inquieta. A obra de arte nos obriga a rever nossos próprios conceitos, nos leva a pensar. Uma obra provoca em nós admiração, surpresa, deleite. A obra de arte nos faz ver, através de outras perspectivas, pontos de vista diversos. Uma obra nos remete a outras obras.

A citação de um teórico amplia essa face da mediação:

... O estudo simultâneo dos elementos e das estruturas da obra funda assim necessariamente uma sociologia da arte, uma vez que o diálogo do artista com a obra implica a participação do espectador...

(*Francastel*, 1973, p.17)

A obra, assim, é sua própria mediadora. É primeiridade que apela para o encontro. Cabe também ao mediador deixar espaço para que esse primeiro encontro seja vivido, no silêncio dos códigos da própria linguagem. Respeitar esse tempo é respeitar a obra, a arte.

Como rica mendiga, entretanto, a obra quer mais. Quer mais do que as informações da sua superfície visível, o que será facilitado por outros mediadores.

Os tecelões medianeiros

Aos nove anos de idade eu morava próximo a um asilo de velhos, e nas minhas explorações pelo fantástico mundo das redondezas, encontrei um senhor que tocava violino, sentado próximo àquele asilo. Aquilo me encantou. Era algo totalmente novo e inacreditável, como que saído de um

filme. Ao perceber meu interesse ele se aproximou. Começou aí um relacionamento muito significativo na minha vida. Toda vez que passava por aquela rua ia procurar meu mágico amigo violinista.

Nessas explorações também encontrei um ateliê de cerâmica, que ficava na rua onde eu andava de carrinho de rolemã (a melhor ladeira do bairro). A ceramista era uma alemã radicada no Brasil. De tanto bisbilhotar o local, ela me levou ao interior daquele universo de cheiros estranhos, cores e formas diferentes... (*Alvaro Picanço Jr.*)

Chega a ser engraçado ver aquele "tio" que te presenteava com tinta, massinhas e papéis coloridos, mostrando com orgulho teus desenhos, que pendurava na geladeira, hoje em dia, te aconselhar a procurar um emprego "mais sério". (*Eliana Maria Lorieri*)

O meu primeiro contato com a arte foi quando eu era um pequeno menino e minha mãe contava a história dos pintores do mundo. Ela dizia que o quadro mais famoso do mundo era a *Monalisa*, de Leonardo da Vinci. Era o quadro mais famoso do mundo porque o olhar dela te acompanhava para qualquer lugar que você fosse. Com esta frase marcada na memória, passei a acreditar que o maior desafio de um artista era conseguir fazer o olhar do quadro acompanhar a pessoa que o admira. E se você o conseguisse, seria reconhecido como grande artista. (*Marcos Lisboa*)

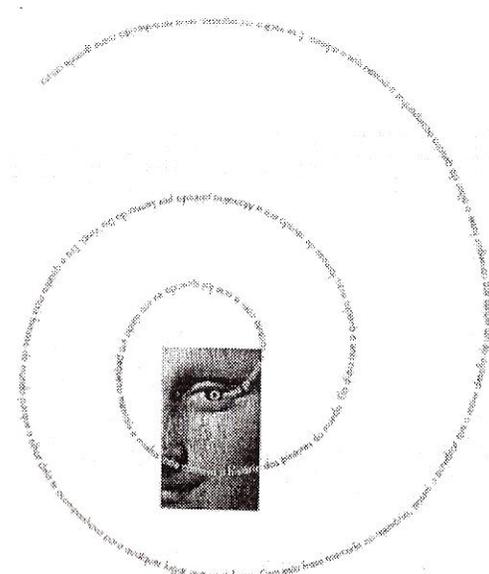


FIGURA 2

Um registro com o clima da época:

Pela primeira vez na minha vida estou tendo aula de História da Arte. A professora de Educação Artística quer que façamos seminários sobre artistas famosos. Ela pôs uns nomes lá na lousa e os sorteou. O meu grupo ficou com um tal de Velázquez. Estranho, nunca tinha visto dois "zes" em um único nome.

Depois dos seminários tivemos de reproduzir uma das obras do nosso artista. Ia fazer um príncipe montado num cavalo. Mas era muito difícil e mudei de idéia. Fiz *O bobo da corte Sebastián de Morra*. Entreguei minha reprodução. Não ficou muito boa. A professora me deu C de nota. A Bianca ficou com B. Achei uma sacanagem. Foi a mãe dela quem fez tudo. Mas tudo bem. Eu não vou dizer nada... a consciência é dela. (*Cláudia Regina Cardoso*)

Na família, entre pais, mães, irmãos mais velhos, tios, primos e primas, e entre as pessoas vinculadas ao entorno mais próximo, freqüentemente encontramos os nossos primeiros mediadores. Com eles, muitas vezes aprendemos conceitos que subsidiarão nossa compreensão do mundo da arte, sejam corretos ou imprecisos. Com eles, além de tudo, aprendemos a dar valor ou a apreciar as muitas linguagens da arte. Talvez a curiosidade e a disponibilidade para estar em contato com a arte sejam os maiores ganhos.

Algumas vezes é esse mediador que nos leva pela primeira vez a um museu, como o pai de Guilherme, presente no texto com o qual iniciamos. Se Guilherme tivesse trazido em seu texto uma reprodução da obra de Pedro Américo, não poderíamos perceber o que é se defrontar com a obra. Além da situação de tamanho, que não foi fiel em relação às proporções, Guilherme registra a grande moldura da obra. Parece um detalhe pequeno, mas marca a consciência de estar em presença da obra.

Já estando a freqüentar museus, fui à exposição dos 50 anos de Ianelli, em 1992. Eu não gostava de arte abstrata. Fiquei absolutamente fascinada por aquelas obras, porque chegavam a ponto de me deixar emocionada, tamanha era a força da vibração das cores e da poesia que se espalhava no ar. (*Marly Tamastro*)

Poderia Marly ter transformado sua percepção da arte moderna se tivesse apenas olhado o catálogo da exposição? Poderia sentir o impacto diante de obras de grande dimensão? Ou poderia admirar o detalhe das pequenas telas?

A freqüentação a museus, galerias, exposições não pode ser substituída por imagens, CD-Rom ou qualquer outra tecnologia. Nada pode substituir as relações estabelecidas pelo olhar capaz de ver proporções, texturas etc. Sempre nos encantaremos com as formas e cores construídas nas penumbras e que são roubadas nas reproduções, ou no ato de girar em torno da obra para captar toda a sua tridimensionalidade.

São vários os possíveis mediadores que podem facilitar um encontro sensível com a arte num museu ou exposição. E podem ser instigados por uma boa curadoria. Para Frederico Moraes (1990, p.124) "o resultado de uma boa curadoria é, antes de tudo, a criação de um clima ou atmosfera que envolva o visitante emocionalmente, mas que estimule, também, à reflexão... Tanto quanto a obra de arte, uma exposição deve colher o visitante poeticamente".

Para Ana Mae Barbosa (1991, p.87), é preciso inter-relacionar curadoria, pesquisa e arte-educação, estabelecendo ações a partir de cada evento, pois todos têm "a responsabilidade de facilitar a comunicação e a apreciação do público".

Benefícios futuros podem ser gerados numa situação de visita que tem o caráter de expedição, cuja responsabilidade pode estar no trabalho do curador – que seleciona e organiza o acervo ou a exposição, com a sua cuidada recepção ao olhar em todos os níveis –, disposição das obras, iluminação, textos introdutórios, etiquetas, catálogo etc; no trabalho da monitoria provocativa, e não apenas informativa, e seus instrumentos; e até naquilo sobre o que nos informamos antes da visita através de outros instrumentos de mediação que facilitam ou não o envolvimento reflexivo. De qualquer forma, o contato pessoal com as obras sempre despertará algo.

Apesar disso, são poucas as escolas que visitam museus. Parece que só existe o Museu do Ipiranga. Nossas escolas preferem levar as crianças aos passeios de sempre (Zoo, SESC, Horto...), os mesmos lugares todos os anos. Deveria haver maior preocupação com o planejamento de passeios e atividades extra-sala de aula. (*Goretti de Melo*)

Uma expedição sempre precisa de muito preparo pelo professor para que possa ser uma situação de pesquisa, de aprendizagem significativa. O seu objetivo deve estar claro, focalizando aspectos que serão trabalhados antes, durante e depois da visita. Podemos preparar o olhar para ver mais e mais profundamente através de instrumentos para o

registro pessoal, textos de apoio, conhecimento prévio de algumas obras ou períodos...

E não somente exposições precisam ser freqüentadas.

Temos escolas com espaço físico que comportaria perfeitamente uma peça de teatro ou a apresentação de um coral. No entanto, isso quase nunca acontece, pois o mais fácil é colocar um telão e exibir um filme a que a maior parte das crianças já assistiu. (*Goretti de Melo*)

Participar do mundo cultural da cidade é outro ponto importante. Há, certamente, alguma dificuldade de acesso aos bens culturais, mas nem sempre isso é impossível.

A criança está propícia e exposta a receber instintivamente estímulos que lhe despertem o ato da criação, seja pela repetição de experiências, nas quais colocará o seu toque de interpretação, seja pela invenção de novas experiências, mesmo que ligadas a uma fonte influente de inspiração.

Ao contar uma estória à criança estamos, no papel de mediadores, propiciando-lhe o contato com a arte da literatura, que se acentuará no momento em que ela aprender a ler. Em sua imaginação, ao construir os lugares, situações e personagens, ela também estará mantendo um primeiro contato com a criação de imagens que possivelmente serão associadas mais tarde aos diversos tipos de artes visuais. (*Elcio Antonio de Queiroz*)

Os livros são mediadores que despertam imagens mentais, viagens fantásticas pelo mundo do imaginário. O prazer de ler, do contato amoroso e tátil com os livros é mediado primeiramente por um outro, também leitor sensível. Depois, já fisgados pela leitura, ampliamos nossa possibilidade de ler para além das imagens e das letras.

Hoje, o mercado editorial de arte para crianças está em plena ebulição. Mas dois cuidados são necessários. Os livros de arte não podem ficar apenas nas informações teóricas ou pessoais da vida de artistas, devem também ampliar as possibilidades da compreensão da própria linguagem da arte.

Ainda há outros mediadores...

Foi a minha mão que tocou a arte pela primeira vez...

Então todo o meu corpo sentiu a tinta...

E a tinta passou a fazer parte de mim... (*Fabiola Formicola*)

Manipular tintas e formas, linhas no plano e no espaço, viver experiências novas, instigantes, são por si só ações mediadoras significativas, possibilitadoras da experiência de se fazer ou reconhecer o objeto artístico.

Independentemente das possibilidades físicas e materiais, sempre haverá a necessidade de um educador sensível, capaz de criar situações em que o encontro com a arte possa gerar uma sociedade mais humana. Pois o objetivo maior não é propiciar que todas as crianças conheçam Monet, Picasso ou Volpi, mas que elas possam perceber como o homem e a mulher, em tempos e lugares diferentes, puderam falar de seus sonhos e de seus desejos, de sua realidade e de suas esperanças através da linguagem da arte.

O tecer do professor de arte e da monitoria

Acredito sim que o professor de arte pode ser um grande mediador entre a arte e a sociedade, mas para tal deve ser preparado para estar consciente das ações que realiza e poder avaliar a extensão dos seus atos. (*Álvaro Picanço Jr.*)

Encaro o mediador ideal como um facilitador no contato com a arte. Deve tornar a obra mais clara, mais acessível, sem que isso contudo implique respostas prontas, determinantes da acomodação do receptor. É muito importante que instigue à curiosidade, ao respeito e à admiração. Ou seja, em primeiro lugar, ele deve ser um valorizador da arte, possibilitando ao outro o aflorar da sensibilidade. (*Rita Demarchi*)

É o mediador quem provoca este encontro entre o apreciador/fruidor e o objeto a ser apreciado. Sendo ele quem atua como intermediário, há sempre a tendência a apresentar em primeiro plano o que ele pensa, se aprecia ou não o que quer que seja. Principalmente os veículos de massificação, ou mesmo curadores e críticos de várias áreas usam e abusam desta privilegiada posição, já que podem ditar moda e conceitos que ficam taxados como absolutos. (*Adriana Cristina Silva*)

Até que ponto o mediador é responsável por um bom contato com a obra? Ele proporciona o questionamento, a reflexão? Ele influencia na percepção e sensação do observador em relação à obra?

O observador é influenciado pela interpretação do mediador? A que ponto a mediação não distorce a percepção?

Uma obra é transmitida ao indivíduo de duas maneiras diferentes por dois mediadores diferentes. A interpretação do observador será a mesma? (Sandra Eli Graça Lobo)

As questões aqui apontadas indicam a necessidade de repensar a responsabilidade do educador, seja professor de arte ou monitor, que não pode ser minimizada ou desvirtuada em sua tarefa de mediar encontros sensíveis.

Para isso é preciso que o mediador possa rever as suas próprias preferências. Certamente a neutralidade não existe, e o gosto pessoal pode interferir na mediação. Apesar disso, é importante estabelecer limites entre o gosto pessoal e a apreciação mais aberta e fundamentada na percepção do contexto cultural e histórico em que a obra foi produzida. O que quer dizer que podemos, pessoalmente, não gostar de determinada obra, mas podemos apreciá-la como marco de determinada época, artista, estilo etc. Essa distinção há de ser feita por todo estudante de arte.

Outro ponto, não menos importante, é como as informações são veiculadas. Muitas vezes, sem dar o espaço para um primeiro contato, a mediação despeja informações sobre obra e artista, tendendo até para o anedótico, a caricatura, ou impondo suas verdades como absolutas.

O processo de mediação há de ser provocativo, instigante ao pensar e ao sentir, à percepção e a imaginação. Um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor.

Para Pareyson (1984, p.167), "a interpretação é o encontro de uma pessoa com uma forma... um encontro entre um dos infinitos aspectos da forma e um dos infinitos pontos de vista da pessoa. E na percepção desses infinitos pontos é que podemos ampliar as possibilidades de encontros sensíveis.

E esse encontro não pode ficar restrito a poucas situações "presenteadas" no processo de aprendizagem do ser humano.

O mediador dá início ao processo que vai evoluindo gradativamente no sujeito, despertando seu interesse, sua ação criadora. Porém, surgem barreiras em todo o processo, e se ele não for acompanhado e orientado adequadamente, pode haver frustração, inibindo todo o seu interesse pela arte. (Dirceu da Silva Fidelis)

Para isso, é preciso ainda pesquisar a recepção estética, o desenvolvimento estético, as metodologias que procuram formas de estabelecer

esse diálogo. Ao lado do estudo, porém, é preciso que também possamos nutrir esteticamente nossas próprias emoções, poeticamente.

Valorizar os meios de criação da criança é o principal caminho para conseguir melhores resultados nos processos de mediação com a arte. Isso muito colabora em sua formação como indivíduo e lhe dá um ótimo embasamento e uma forte estrutura para passar do papel "fruidor" para o de "mediador" nas futuras relações de sua vida. (Elcio Antonio de Queiroz)

Relações humanas e humanizadoras podem oferecer acesso ao mundo da arte, para que muitos aprendizes, sejam crianças, jovens ou adultos, possam se aventurar no espaço mágico e vital da arte. Como a história do pequeno Diego, do conto de Galeano (1991:15):

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejano, pediu ao pai:

- Me ajuda a olhar!

Afinal, quais formas, e com que qualidade nos esforçamos em propiciar mediações sensíveis? A responsabilidade é também de cada educador, nos limites de seu próprio contexto. Mas sabemos nossas fronteiras?

Outras tramas ainda terão de ser tecidas...

MARTINS, M. C. F. D. Mediation: weaving sensitive encounters with art. *ARTEunesp (São Paulo)*, v.13, p.221-234, 1997.

- **ABSTRACT:** *Stemming from significant memories concerning their first contact with art, the students of Art-Educational Projects, managed by me, have identified different mediators that brought about this contact. The written texts thus contributed to deepen a discussion in the classroom, and this brought about the idea to put the memories together as an introduction to this subject. Sharing perspectives, elaborating concepts and amplifying aspects are the lines that weave this text, which has a personal touch of each co-author, who investigates the function and force between art and appreciator.*
- **KEYWORDS:** *Art; art-teaching; appreciation; interpretation; mediation process.*

Referências bibliográficas

- BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FRANCASTEL, P. *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1973.
- GALEANO, E. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1991.
- MORAES, F. Por uma crítica criativa – a curadoria de exposições como criação.
In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM ARTES. *Anais do 2º Seminário*. São Paulo: ANPAP, 1990.
- PAREYSON, L. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES/ SUMMARY OF MASTER AND Ph.D. THESIS